

INSTITUTO
 Documentação
 FONDO AMBIENTAL
 Fonte: *Diário de Cuiabá*
 Data: *3/12/2000* Pg. *B2*
 Class: *26*

LINEAR COMUNICAÇÃO TEL 225-3566 FAX 226-3007	JORNAL DIÁRIO DE CUIABÁ - MT		
	DATA 03 DEZ 2000	PAG. <i>B.2</i>	CADERNO <i>ciudades</i>

GUATÓS II

Cineasta vem ao Estado filmar trajetória guató

Idéia de produzir "Quinhentas Almas" surgiu com a redescoberta da etnia

MÁRCIA OLIVEIRA
 Da Reportagem

O quase aniquilamento do povo e cultura guató, etnia indígena que conta com cerca de 500 pessoas espalhadas nos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e fronteira com a Bolívia, serviu de inspiração para o cineasta sul-mato-grossense, Joel Pizzini, reconstituir em película as pegadas, e posterior dispersão, do único grupo de índios canoeiros remanescentes de tempos pre-coloniais que habitaram e ainda habitam o Pantanal.

No seu primeiro longa-metragem (documentário/ficção) batizado de "Quinhentas Almas", Joel conta um pouco da história desse povo que não foi muito estudado e alimenta esperanças de recobrar sua história e identidade substituída pela cultura do branco.

O filme, que começou a ser gravado em 1998 e já foi definido como o mais complexo e ambicioso de sua carreira, ainda não está pronto. Uma família descendente de guatós foi localizada em Poconé, Mato Grosso, e desde o dia 28 de novembro, aparece como personagem de si mesma no longa, que segundo Joel, pretende oferecer uma visão "etnopoética" do que ele chama de "paradoxos da existência guató".

O primeiro deles foi provocado por um dos indigenistas mais famosos do Brasil, Dar-

cy Ribeiro, que divulgou na década de 40 a extinção do povo se baseando em informações do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). O "equivoco paradoxal" só foi desfeito no final da década de 70 pela irmã Ada Gambaroto, atual coordenadora da Pastoral da Criança em Cuiabá.

Em viagem a Mato Grosso do Sul ela encontrou artesanato guató à venda na Casa do Artesão de Corumbá, e instigada pela curiosidade começou a pesquisar a existência dos índios. Joel conta que surpresa com a abertura da possibilidade, a irmã decidiu procurar, e encontrou uma guató chamada Josefa. A índia vivia na cidade, mas ainda fazia tapetes com as folhas da planta aguapé, prática cultural tradicional do povo.

De posse das informações um grupo de estudos foi formado e conseguiu chegar à ilha Insua, localizada na fronteira de Mato Grosso do Sul com a Bolívia, onde vários índios foram encontrados. "Depois disso foi organizada uma expedição ao lugar e em 1980 o governo brasileiro fez o reconhecimento da existência do povo", contou Joel. Porém, ainda hoje os guatós não têm terras demarcadas.

A Funai em Mato Grosso do Sul alega falta de recursos e a de Cuiabá deu início há pouco mais de 20 dias ao estudo que pretende delimitar uma área para o povo.

Com a publicidade do assunto à época, e antes mesmo de filmar seus ensaios, curtas e médias-metragens, a história dos guatós passou a fazer parte do imaginário do pretense cineasta como um filme em potencial. Em 1990, depois de ter feito seu primeiro vídeo e curta, Joel visitou a ilha de Insua e decidiu escrever o projeto do documentário. O material foi premiado pela Fundação Rockefeller e o dinheiro foi suficiente para dar início ao levantamento histórico e iconográfico no museu etnográfico de Berlim, Alemanha, onde Joel ficou por um mês. No lugar, ele encontrou mais de 200 peças do artesanato guató, todas recolhidas pelo etnólogo alemão, Max Schmidt, durante suas viagens ao Brasil datadas a partir de 1900.

Os trabalhos de registro antigo mais importantes da cultura daqueles índios foram feitos por Schmidt e publicados em vários volumes. O mais importante e conhecido deles são os "Estudos de Etnologia Brasileira", traduzido para o português em 1942.

Para completar o levantamento cultural, Joel contou com a ajuda do professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e mestre em arqueologia, Jorge Eremites de Oliveira, que escreveu o livro "Guató: Os Argonautas do Pantanal", e da lingüista Adair Pimentel Palácio, que em defesa da tese na Universida-

de de Campinas (SP) na década de 70 elaborou um dicionário da língua guató: "A língua dos Índios Canoeiros do Rio Paraguai". Os dois trabalhos são inéditos e os mais recentes sobre a etnia.

Depois dessas pesquisas, Joel conta que não escapou dos efeitos da "era Collor". Voltou para Campo Grande, mudou-se para São Paulo e começou a filmar seu curta "Enigma de Um Dia" (94). Somente quatro anos depois, retornaria a ilha para começar as filmagens. As gravações já foram feitas em Berlim, Corumbá, ilha de Insua, Recife, Poconé, Cáceres, Cuiabá e tem previsão para ser concluída até dezembro de 2000. Em abril a primeira cópia deve estar pronta e a exibição chega ao público em maio.

Ao ser questionado sobre a definição de "Quinhentas Almas", Joel descreve: "esse filme é um documentário híbrido, vamos usar ficção. Quero partir da história dos guatós para contar e estilhamento de uma cultura que atualmente têm só dez pessoas que falam a língua. O filme não será só sobre guató. Estamos usando a cultura guató para falar da condição humana, de pessoas cuja cultura sofre impactos tão grandes ao ponto de chegar a ausência das memórias", define e continua: "não quero nada científico. Quero imagens plásticas, que consigam transmitir informações

INSTITUTO
 Documentação
 OCIO-CRIMINAL
 Fonte: Diário de Cuiabá (MT)
 Data: 3/12/2006 Pg. 82
 Class: _____

LINEAR COMUNICAÇÃO TEL. 225-3566 FAX 226-3007	JORNAL		
	DIÁRIO DE CUIABÁ - MT		
	DATA	PAG:	CADERNO
	03 DEZ 2006	82	82

sem o uso da palavra. É um documentário no qual, além dos depoimentos, vamos usar imagens e música para contar a história”.

O cineasta lembra que no trecho de ficção entrará uma parte da peça teatral “A Controvérsia de Valladolid”, de Jean-Claude Carrière. Ela reconstitui um debate ocorrido em 1550 na Espanha, em que o tema era a existência ou não da alma do índio. “Além disso, também faremos a simulação do julgamento do suspeito de ter assassinado um Guató impor-

tante para o início do processo de reconhecimento do povo. O julgamento dos culpados nunca aconteceu. A história parou no inquérito, mas todo mundo sabe quem matou. O motivo da morte também é nebuloso. Não vamos julgar de fato, mas usar a encenação como mote para lembrar a história”, informou. O filme deve ter duas horas de duração e a música tema será uma adaptação de “Música das Águas” do compositor alemão George Friedrich Handel, mas o siriri e cururu também vão aparecer



O cineasta Joel Pizzini com Inocência Rondon: impacto sobre a cultura quase fez dizimar a memória guató